

ALGUMAS FIGURAS EXPRESSIVAS DO RIO GRANDE DO NORTE*

Odilon Nogueira de MATOS

Lembrança que me ficou da mais tenra infância foi a da primeira vez que me foi mostrado um mapa do Brasil para que nele eu localizasse os Estados de nosso País. Com os Estados maiores não houve problema, pois seus nomes eram claramente inscritos no mapa. Problema houve com os Estados pequeninos, como Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, os quais - tão reduzido era o mapa - que seus nomes nem davam para nele serem inscritos. Tive dificuldade em localizar justamente o Rio Grande do Norte. Foi quando a pessoa que me mostrara o mapa deu esta explicação simplíssima: procure o local onde o território brasileiro muda de direção. Relamente, não poderia haver explicação mais simples, nem mais correta: ficava o pequeno Estado no "cotovelo" apresentado pelo continente brasileiro, um grande ângulo obtuso, do qual o Rio Grande do Norte é precisamente o vértice. E foi sempre como uma espécie de "vértice" do Brasil que continuei vendo o pequeno Estado sobre a qual hoje deverei falar. Não propriamente sobre o território, que mal conheço - pois aí estive apenas uma vez, em áreas do interior, não conhecendo sequer a Capital, situação, como se vê, pouco favorável a que me abalance a discorrer sobre a terra potiguar.

Assim, conhecendo mal a terra, prefiro falar da gente, tomando, para isto, algumas expressivas figuras da cultura potiguar, das quais traçarei rápidos perfis. Escolhi quatro figuras, daquelas que Emerson chamaria de "homens representativos". Alguém poderá perguntar: mas só quatro? Não terá a terra norte-riograndense dado mais gente ao Brasil? É claro que deu. Mas, devo atender ao problema do tempo e, por outro lado, acredito que os quatro "representative men" dão bem uma amostra da contribuição do Rio Grande do Norte à cultura brasileira.

Um sacerdote, jornalista e político - o padre João Manuel de Carvalho; um historiador, dos maiores que temos tido - Rodolfo Garcia; um polígrafo, certamente mais que todos, representativo da sua terra e da sua cultura, como o foi Luís da Câmara Cascudo; e, por estranho que pareça, uma mulher, certamente a primeira líder feminista brasileira, que foi Nísia Floresta.

(*) Palestra preferida em sessão dedicada ao Rio Grande do Norte, do "Clube dos 21 Irmãos-Amigos" de Campinas, em 1990.

Lembrarei, antes, que o Rio Grande do Norte foi também a terra de Frei Miguelinho, um dos mártires da revolução pernambucana de 1817; do aeronauta Augusto Severo, o primeiro mártir da aviação, que, em 1902, viu esfaqueado num dos campos de Páris seu balão "Pax", o que custou a vida do grande brasileiro; de Amaro Cavalcanti, um dos grandes prefeitos do Rio de Janeiro no início da República, autor consagrado de diversos estudos brasileiros, indispensáveis para o conhecimento de nossa história; de João Café Filho, político expressivo da chamada "Segunda República", companheiro de Getúlio Vargas como vice-presidente no malfadado período governamental que não chegou ao fim, em virtude do suicídio do Presidente da República, em agosto de 1954, e, conseqüentemente, uma das primeiras vítimas da lamentável crise política que assolou o país após aqueles incidentes.

Todos estes nomes fariam um punhado de outros perfis. Ficarão para outra ocasião. Vamos aos escolhidos, e deles - *Ladies first* - comecemos por aquela que Oliveira Lima considerou a mais notável mulher de letras do Brasil, no século passado: *Nísia Floresta Brasileira Augusta*, nome literário de Dionísia Gonçalves Pinto Lisboa, nascida em 1809 numa pequena vila, hoje cidade que tem o seu nome, nas imediações de Natal, e falecida em Rouen, na França, em 1885. Seu curioso pseudônimo tem sido explicado da seguinte maneira: *Nísia* é o final de seu prenome; *Floresta*, o nome do sítio onde nasceu; *Brasileira*, uma afirmação nacionalista; e *Augusta*, uma referência a Augusto de Faria Rocha, seu segundo marido. Segundo alguns, este *Augusta* poderia ser uma referência a Augusto Comte, que a escritora conheceu em Paris e de quem se tornou discípula dedicada. Não me parece correta a suposição, pois ao partir para a França, ela já usava o curioso pseudônimo, que foi sempre empregado da maneira mais diversificada. Quase sempre apenas *Nísia Floresta*, mas, às vezes, também *Nísia Augusta* e *Floresta Augusta*. Não raro, apenas as iniciais: NF, NA, FA, criando problemas para os pesquisadores de sua história literária.

Inegavelmente foi *Nísia Floresta* - chamemo-la assim, pois foi o pseudônimo que mais usou - a pioneira dos movimentos feministas no Brasil, pois já em 1832, vivendo no Recife, traduziu e publicou famoso opúsculo inglês intitulado *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, bastante revolucionário para a época. Ao fundar, no Rio de Janeiro, um estabelecimento de ensino para moças - o Colégio Augusto - procurou nele desenvolver programa igualmente revolucionário em matéria de educação feminina. Aliás, esta - a educação feminina - foi a grande bandeira de sua vida, nos colégios que fundou - no Rio de Janeiro e, pouco depois, outro em Porto Alegre, onde viveu alguns anos - e sobretudo nos artigos que a todo instante publicava, especialmente em jornais do Rio, audaciosos, diria mesmo desafiantes para uma sociedade conservadora e preconceituosa como a nossa naquela época, e com relação à mulher. É importante observar que muitos dos seus escritos foram divulgados na Europa, em traduções para o francês e o italiano.

Depois de diversas viagens à Europa, fixou-se definitivamente em França - a princípio em Paris e depois em Rouen - e aí teve oportunidade de relacionar-se com expressivas figuras das letras francesas, como, entre outras, Lamartine, George Sand, Victor Hugo e, ainda, os italianos Manzoni e Massimo d'Azeglio, que viviam na capital francesa. Foi em Paris que teve oportunidade de relacionar-se com Augusto Comte, acompanhando, inclusive, diversos cursos do fundador do Positivismo.

Suas tendências liberais levaram-na, ainda no Brasil, a lutar pela Abolição e pela República, e a escrever em defesa dos "praieiros" de 1848, em Pernambuco. Da mesma forma que se interessou pelo ideal da unificação italiana, correspondendo-se com Mazzini e Garibaldi. Deixou muitos livros, sobre problemas educacionais, sociais, políticos e também de viagens (pois viajou muito) e até ficção, muitos deles publicados em francês e em italiano. Encontra-se publicada igualmente sua correspondência com Augusto Comte.

Um estudo bem elaborado sobre a Filosofia de Nísia Floresta, poderá ser encontrada no prefácio à reedição de seu livro mais importante, *Opúsculo Humanitário*, publicado em 1853 e que só depois de 136 anos mereceu uma nova edição, estando hoje novamente ao nosso alcance. Esta sua obra pode ser considerada a síntese do pensamento da autora. Figura realmente excepcional nos quadros da cultura brasileira do século passado, é o que foi a ilustre escritora norte-riograndense.

A exemplo de muitas cidades do Brasil, Campinas teve a feliz idéia de homenageá-la dando seu nome a uma via pública. Só que, ao contrário das outras cidades, onde as vias públicas em sua homenagem chamam-se simplesmente "Rua Nísia Floresta", a Prefeitura de Campinas, seguindo péssimo hábito, entendeu de dar à rua o seu nome completo, isto é "Rua Nísia Floresta Brasileira Augusta". Para quê? a resposta só pode ser uma: vontade de complicar...

E por falar em nomes de ruas, os que conhecem a cidade de São Paulo sabem da existência, ali, de uma importante rua em cujas placas se inscreve o nome do *Padre João Manuel*. Apenas assim, sem o sobrenome, que é como ele se tornou conhecido. Inicia-se na Avenida Paulista e numa extensão de quase dois quilômetros alcança o Jardim América. Se perguntarmos aos milhares de transeuntes que diariamente sobem e descem pela importante artéria acerca de seu patrono, não sei quantos saberiam responder. Com efeito, anda esquecido o Padre João Manuel. Teve uma certa notoriedade, como o prova a escolha de seu nome para uma das ruas do novo bairro paulistano que se formou no início deste século.

Natural do Rio Grande do Norte, teve atuação destacada, menos como sacerdote do que como político e jornalista nos últimos anos do Império. Militou no Partido Conservador representando sua província na Câmara Imperial.

Desiludido com a monarquia, tornou-se republicano de uma maneira espetacular e até acintosa, dando um brado de "Viva a República" em pleno Parlamento, num dos momentos mais solenes da vida imperial, precisamente quando tomava posse o Gabinete Ouro Preto, o último da monarquia, em 11 de junho de 1889. Gabinete que durou apenas cinco meses, pois sua queda em 15 de novembro daquele ano implicou na queda da própria monarquia, com a proclamação da República.

Mas, assim como se desiludiu com a Monarquia, desencantou-se também com a República. Abandonando a política, decidiu retornar às funções sacerdotais, sendo-lhe dada a paróquia de Amparo. Ao fixar-se na vizinha cidade, levava já uma excelente experiência jornalística, pois dirigira dois importantes jornais no Rio de Janeiro. Em Amparo, passou a dirigir o "Correio Amparense" a partir de 1890, e em suas páginas pôs-se a publicar suas *Reminiscências sobre vultos e fatos do Império e da República*, cerca de sessenta crônicas que posteriormente reuniu em livro com esse mesmo título, editado em Amparo, em 1894.

As *Reminiscências* do famoso sacerdote jamais foram reeditadas; consti-tuem hoje livro bastante raro, e extremamente importante para se conhecer o "clima" dos últimos anos de Império e primeiros da República. Não duvidaria mesmo em considerá-las das mais importantes peças de nossa bibliografia política. Bem mereceria o curioso livro - às vezes sarcástico, outras vezes sério e não raro violento, de um político desiludido com os homens e com o sistema que passou a imperar no Brasil - uma reedição, agora que algumas editoras estão empenhadas em reeditar páginas de nossa literatura política. E a celebração há pouco do centenário da República teria sido uma feliz oportunidade.

Após alguns anos de residência em Amparo, o Padre João Manuel retornou ao Rio de Janeiro, onde faleceu em 1899, com menos de 60 anos, pois nascera em 1841. Afirmo, de início, que o ilustre sacerdote, político e jornalista anda esquecido. Prova-o o fato de nenhum dos mais credenciados catálogos bibliográficos publicados ultimamente menciona o seu nome: nem o *Dicionário de Literatura Brasileira*, de Raimundo de Menezes e nem a recentíssima *Enciclopédia da Literatura Brasileira*, publicada por Afrânio Coutinho. A única obra de referência que o cita é a Enciclopédia Delta Larousse.

Com suas *Reminiscências* teve o Padre João Manuel seu nome eclipsado como sacerdote e como político, para em lugar deles salientar-se o jornalista e cronista, que acabou trazendo assinalada contribuição à historiografia do período em questão.

É precisamente no campo da historiografia que se situa o terceiro "perfil" de nosso elenco: Rodolfo Garcia (1873-1949). Com efeito, muito deve a historiografia brasileira a este ilustre norte-riograndense. Seria quase desnecessário lembrá-lo, tanto o seu nome tornou-se familiar a quem quer que tenha

dedicado alguns momentos ao estudo do nosso passado. Possuidor de sólida erudição, alicerçada na beneditina paciência com que se entregou a pesquisas arquivais e bibliográficas, tudo quanto saía de sua pena trazia a marca da garantia e sobretudo da probidade, ligando o seu nome de maneira indissolúvel a algumas realizações de grande vulto nos domínios da cultura nacional. Bastaria citar, como exemplo, as sábias anotações ao texto do Visconde de Porto Seguro, cuja obra - a monumental *História Geral do Brasil* - tornou-se engrandecida e extremamente valorizada com os apensos que, a princípio em colaboração com Capistrano de Abreu e sozinho a partir do segundo tomo, após-lhe mestre Rodolfo Garcia.

Não foi apenas na obra de Varnhagen que demonstrou sua erudição. Outras edições críticas do mais alto valor lhe são devidas: o livro de Claude d'Abbeville, no qual se interessou particularmente pela parte lingüística (outro assunto de sua predileção), o Gandavo, na edição da Academia Brasileira, os "Tratados" de Fernão Cardim, os "Diálogos das grandezas do Brasil", as cartas de Nóbrega, a "Arte" de Anchieta, o "Peregrino da América", de Nuno Marques Pereira, a obra do padre Gay sobre o jesuítas do Paraguai, e tantos outros. Em seu acervo devem ser creditados, ainda, os vinte volumes dos "Anais da Biblioteca Nacional", cuja publicação promoveu ao tempo em que dirigiu a grande instituição criada por D. João VI. E que repositório magnífico de informações constituem esses "Anais", indispensáveis a qualquer pesquisa sobre assunto ligado ao nosso passado e nos quais a divulgação de documentos valiosos se alterna com a reedição de textos raríssimos.

Ao recebê-lo na Academia Brasileira, Afonso de Taunay traçou-lhe o perfil, salientando precisamente - e de maneira objetiva - esse aspecto da personalidade do historiador norte-riograndense: a segurança e prudência com que emitia opiniões e o carinho com que se dedicava, paciente e exaustivamente, às mais sérias pesquisas, tornando seus conceitos praticamente a última palavra acerca de tantos e tão importantes pontos controvertidos de nossa história.

As preocupações com a cultura popular, que encontramos em alguns escritos de Rodolfo Garcia vão aparecer de maneira mais acentuada naquela que, mais que em todos os outros, pode ser considerado o homem-símbolo da cultura norte-riograndense, o último dos perfis desta evocação. "The last but not the least"...

Meu primeiro contato com Luís da Câmara Cascudo (não pessoal, pois este privilégio não cheguei a ter), mas pelos seus escritos, foi através de uma pequena biografia do Conde d'Eu, publicada em 1933, como um dos primeiros volumes da preciosa coleção "Brasiliana", então no seu início. Livro modesto, muito longe de fazer pressupor a extraordinária capacidade que seu autor viria a demonstrar no decorrer de sua longa vida e de sua vastíssima produção que atingiu

a prodigiosa soma de quase 150 títulos! Dir-se-ia quase um livro de principiante, mas já era o sétimo publicado pelo autor. Poucos anos depois surgia ele com *O Marquês de Olinda e seu tempo*, também na coleção “Brasíliana”, e que já se pode considerar um grande livro, talvez o melhor que até hoje se tenha publicado sobre o sucessor de Feijó na regência do Império. E não parou mais de produzir, dividindo sua bibliografia entre a história, a etnografia, o folclore, a lingüística, a literatura, a sociologia e até com algumas incursões pelos domínios da ficção.

Alguns de seus livros certamente ficarão como marcos imperecíveis da cultura brasileira: *Geografia dos mitos brasileiros*, *Dicionário do folclore brasileiro*, *Geografia do Brasil holandês*, *Superstições e costumes*, *Mouros, franceses e judeus*, *História da alimentação no Brasil*, *Vaqueiros e cantadores*, *Coisas que o povo diz*, *Civilização e Cultura*, *História do Rio Grande do Norte*, a já citada biografia do Marquês de Olinda, e tantos outros, que longe iria se a todos enumerasse. E ainda reeditou, anotou e prefaciou obras de Sívio Romero e de Melo Morais Filho e traduziu, também com notas, o grande livro de Henry Koster sobre o Nordeste.

Lembro-me de um amigo que, há alguns anos, viajou pelo Nordeste. Perguntado sobre os monumentos históricos que havia visitado em sua excursão, respondeu que, no seu entender, o “maior monumento do Nordeste” era... Luís da Câmara Cascudo, a quem tivera oportunidade de visitar em sua casa da avenida Junqueira Aires, na capital potiguar. Para o seu “país”, que era o Nordeste, viveu toda a sua longa existência, até o seu falecimento ocorrido a 30 de julho de 1986, aos 88 anos de idade. Por tudo o que dele sei (embora, com disse, sem o privilégio de conhecê-lo pessoalmente), não tenho dúvida em afirmá-lo como homem símbolo não apenas do Rio Grande do Norte, mas de todo o Nordeste. Destes homens-símbolos, que muito encontramos pelo Brasil: Gilberto Freyre, no Recife; Jorge Amado, na Bahia; José Americo de Almeida, na Paraíba; Erico Verissimo, em Porto Alegre; Cora Coralina, em Goiás Velho... Figuras que podem ser incluídas no roteiro turístico de suas cidades. Entre eles, Luís da Câmara Cascudo.

Eis os perfis que tentei esboçar dos quatro norte-riograndenses, a fim de preencher a parte cultural desta sessão dedicada ao pequeno e simpático estado e na ausência de quem melhor o poderia fazer, que é o seu representante em nossa agremiação. Este punhado de riograndenses do Norte que contribuíram à sua maneira para o engrandecimento cultural de nossa terra.